

COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE PROFESSORES

NASÁRIO, Júlio César - FURB
julionasario@bol.com.br

Área Temática: Educação: Teorias, Metodologias e Práticas
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este estudo se desenvolve na linha Educação, Estado e Sociedade vinculada ao eixo Educação, Cultura e Sociedade do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau. Nos mais diversos campos da sociedade a competição se reflete no comportamento humano de forma aparente ou implícita no sujeito, buscando vitória, conquista, glória, benefícios, reconhecimento por habilidades, capacidades e competências. No contexto escolar esta situação também está presente. O estudo da competição na Educação Física Escolar é relevante, pois está inserida nas suas práticas, variando desde as atividades recreativas até o desporto, com suas técnicas e regras institucionalizadas. Este estudo tem como objetivo identificar, analisar e compreender as representações sociais dos professores de Educação Física Escolar do município de Rio do Sul/SC sobre a competição. A compreensão das representações sociais destes professores sobre a competição pode contribuir na definição de políticas, na reorganização do espaço físico e na promoção da autonomia. O estudo promove uma reflexão sobre a competição como conteúdo comum, ou seja, uma reflexão sobre as atividades de competição que fazem parte do cotidiano das aulas. Do ponto de vista teórico metodológico é empregada a Teoria das Representações Sociais, por permitir explicitar o conhecimento socialmente elaborado e partilhado pelos sujeitos da pesquisa sobre a temática em questão. A pesquisa é desenvolvida com professores da rede estadual localizada no município de Rio do Sul/SC. Um questionário é utilizado como recurso de coleta de dados. Como resultado parcial, o estudo percebe a socialização como o núcleo central da representação social dos professores sobre a competição na Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Competição; Representações Sociais.

INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição da sociedade em que ocorre a competição. Acreditando que uma das funções da escola é formar integralmente o aluno e levando em consideração que a Educação Física participa deste movimento colaborando com suas atividades, parte-se do pressuposto de que os jogos e exercícios desenvolvidos nas aulas desenvolvem as habilidades, capacidades e competências que vão ao encontro dos objetivos da escola. Para que os alunos

desenvolvam tais habilidades, capacidades e competências, os professores propõem os jogos e exercícios, e o que acontece é que a competição manifesta-se neles. Muitas vezes, os resultados não trazem o que foi desejado, criando discussões, atritos e intrigas entre alunos e na relação aluno/professor. Sendo assim, o que seria mais coerente; banir as atividades de competição da escola, da Educação Física Escolar ou ensinar os alunos a lidar com seus resultados? A vitória, a derrota e o empate são as conseqüências naturais nos resultados das atividades de competição. Saber lidar com estes resultados, entrar em acordo com outra pessoa é uma habilidade social.

1. A COMPETIÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Não há como negar que o fenômeno social competição esteja presente na escola, na Educação Física Escolar. GOEDERT (2004), em sua dissertação “A competição no campo escolar” comenta que a competição é percebida, por diversos setores da sociedade, como um fator estimulante e até necessário no caminho da ascensão social e econômica que leva ao sucesso. Desenvolveu uma pesquisa que teve como objetivo compreender de que modo e por que a competição permeia os espaços escolares. Os sujeitos da pesquisa foram alunos, professores, direção e a comunidade em geral de uma escola do município de Blumenau. Ao final das observações, constatou que a competição existe dentro da escola, mas, em vários momentos ela é camuflada e negada.

Para FREIRE (2005), o mais coerente é que os professores saibam lidar com tal fenômeno. Os professores realmente preocupados com o desenvolvimento das características humanas, ao invés de tentar eliminar as atividades de competição, deveriam procurar compreendê-las e utilizá-las para valorizar as relações humanas. Para o aluno, é mais importante reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para que se alcance o objetivo do estudo, é preciso determinar o local específico da aplicação da pesquisa, para que se possa organizar e desenvolver o estudo com coerência metodológica. O município de Rio do Sul foi escolhido para a aplicação da pesquisa. Este município é considerado o pólo do Alto Vale do Itajaí, região que conta com 28 municípios e

fica entre a Serra do Mar e a Serra Geral no estado de Santa Catarina. Rio do Sul possui 55391 habitantes (IBGE 2002).

Como instrumento de pesquisa, optou-se por um questionário. O questionário é semi-estruturado, composto por perguntas abertas e fechadas. As perguntas abertas requerem uma resposta construída e escrita pelo respondente com suas próprias palavras. Quanto as perguntas fechadas o respondente tem que escolher entre respostas alternativas fornecidas pelo autor do questionário. É possível utilizar exatamente as mesmas palavras como perguntas abertas ou como perguntas fechadas. A vantagem de usar perguntas abertas são as de que as mesmas podem fornecer mais informação, podem dar informações mais detalhadas e até mesmo inesperadas. Nas perguntas fechadas, as vantagens estão na facilidade em ampliar análises estatísticas para analisar as respostas e é possível analisar os dados de maneira sofisticada. (HILL, 2005, p.94)

A coleta dos dados foi desenvolvida no mês de Abril de 2008. O questionário foi aplicado no dia 17 de Abril do mesmo ano às 15 horas na GERED de Rio do Sul.

Os sujeitos da pesquisa são 16 professores de Educação Física Escolar da rede municipal, estadual e particular de ensino de Rio do Sul/SC. Destes, 75 % possuem Pós-Graduação. O tempo médio de formação é de 12,3 anos e o tempo médio de serviço é de 14,8 anos. A média da jornada de trabalho destes professores é de 45,6 horas aula por semana.

2.1 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO INSTRUMENTO

As teorias buscam explicar o real. A teoria das Representações Sociais busca descobrir o real de um determinado fenômeno social, busca saber como um grupo de indivíduos constrói um conjunto de saberes que uma vez hierarquizado acaba determinando suas condutas. A teoria das Representações Sociais oferece um caminho para os estudiosos que tem a intenção de saber por que as pessoas fazem o que fazem sobre um fenômeno específico em um determinado contexto.

As Representações Sociais são consideradas formas de conhecimento, porém, não um conhecimento científico, mas do senso comum. Nos estudos em Representações Sociais isto pressupõe uma ruptura com as vertentes clássicas das teorias do conhecimento, sinalizando mudanças quanto a posição relativa à objetividade e da busca da verdade. (SPINK, 1995)

O conhecimento do senso comum, aquele que não é produzido nas ciências, é levado em consideração pela Teoria das Representações Sociais para que por meio dele se possa descobrir a realidade sobre um fenômeno social. Para SPINK (1995), isto pode ser visto numa perspectiva histórica e se evoluiu gerando contestações dentro de três momentos. No primeiro momento, a epistemologia clássica é considerada hegemônica, pautada na ideologia. O segundo momento é marcado pelo surgimento da sociologia do conhecimento, onde o conhecimento sofre influências dos aspectos histórico-culturais. O terceiro momento coloca em pauta uma nova perspectiva que coloca em evidência o conhecimento do homem comum. Este último momento é percebido como ampliação do modo de ver o senso comum como conhecimento legítimo e causador das transformações sociais.

Esta mudança de perspectiva quanto ao papel disciplinador das teorias do conhecimento legitima o saber do senso comum. Foi fundamental na construção do conceito de representação social na Psicologia Social. Liberou o poder de criação de conhecimentos das teorias do senso comum, considerando este conhecimento como uma teia de significados capaz de criar a realidade social. (SPINK, 1995)

Sendo assim, a opção pela Teoria das Representações Sociais também está fundamentada no fato de ser associada às práticas culturais, agrupando aspectos históricos e de tradição, como também a flexibilidade da realidade contemporânea, onde o real não é estático, mas dinâmico. Por fim, a Teoria das Representações Sociais possui uma característica dialética. Aceita conteúdos contraditórios percebendo a possibilidade de trabalhar com as diferenças, possibilitando a compreensão do fenômeno investigado. (OLIVEIRA; WERBA, 2003)

2.2 CAMINHOS DE CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Há consenso entre os estudiosos das Representações Sociais em admitir a dificuldade de se estabelecer um conceito que dê conta das fronteiras desta teoria. Consideração semelhante é feita por Oliveira e Werba (2003) quanto ao conceito de Representações Sociais, destacando que “ao nos aproximarmos dele, o vemos escorregar para mais longe, obrigando-nos a transpor nossas próprias fronteiras buscando, novamente, aquele horizonte perdido”.

A teoria das Representações Sociais encontra seu lugar na história apenas na década de 70, fazendo parte dos estudos da Psicologia Social. Sendo assim, teóricos e acadêmicos

tem esta nova opção para revisarem seus enfoques, proporcionando novas formas de olhar, entender e interpretar os fenômenos sociais. A teoria das Representações Sociais procura entender por que as pessoas fazem o que fazem. (OLIVEIRA; WERBA, 2003)

Na intenção de conceituar as Representações Sociais, Oliveira e Werba (2003), afirmam que

As Representações Sociais são “teorias” sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Por serem dinâmicas, levam os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que, sem dúvida, modificam os dois.

Para FRANCO (2004), Representações Sociais são “elaborações mentais construídas socialmente, a partir da dinâmica em que se estabelece entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento”.

As representações sociais são determinadas pelo próprio sujeito, por sua história, sua experiência de vida, pela sociedade e pelos vínculos que mantém com ela e pela ideologia a qual o indivíduo está inserido. As representações sociais determinam as condutas, pois é um conhecimento do senso comum que se encontra hierarquizado, servindo para que o conjunto social construa sua realidade social.

MADEIRA (1991) conceitua as Representações Sociais como “totalizações parciais e dinâmicas, e como tais, devem ser encaradas enquanto resultantes das relações possíveis com suas partes constitutivas”.

Para entender a formação e a origem das Representações Sociais, constata-se que as criamos para tornar o não-familiar em familiar. Este processo interior vem a serviço do bem estar, pois a tendência é negar as situações estranhas e diferentes que trazem desconforto. O não-familiar é gerado dentro dos Universos Reificados, ou seja, no mundo restrito onde circulam as ciências. É transmitido ao Universo Consensual, que são as teorias do senso comum onde estão as práticas interativas do dia-a-dia. A tarefa de transferir os novos conceitos é realizada por jornalistas, comentaristas econômicos e políticos, professores e propagandistas principalmente pelos meios de comunicação. (OLIVEIRA; WERBA, 2003)

Para assimilar o não familiar, dois processos básicos podem ser identificados como geradores de Representações Sociais, que são os processos de objetivação e ancoragem.

A objetivação é o processo de materialização das abstrações, de tornar em objeto o que é representado, de dar corpo aos pensamentos. A objetivação é dada em três fases: a

construção seletiva, a esquematização das estruturas e a naturalização. Um exemplo que pode se dar a objetivação se refere à religião. Ao se chamar Deus de pai, está se objetivando uma imagem que nunca se viu (Deus), em uma imagem conhecida (pai), facilitando a idéia do que seja Deus. (OLIVEIRA; WERBA, 2003; NÓBREGA, 2001)

A ancoragem é o processo pelo qual se procura encontrar um lugar para encaixar o não familiar dentro das estruturas, categorias já estabelecidas. A ancoragem está articulada com a objetivação para assegurar as três funções fundamentais da representação: a incorporação do estranho ou do novo, a interpretação da realidade e a orientação dos comportamentos. A ancoragem é organizada em três estruturas: A atribuição do sentido, a instrumentalização do saber e o enraizamento no sistema do pensamento. (OLIVEIRA; WERBA, 2003; NÓBREGA, 2001)

3. SOCIALIZAÇÃO COMO NÚCLEO CENTRAL DA REPRESENTAÇÃO

Para a análise dos dados será empregada a Teoria do Núcleo Central. Esta teoria pode ser entendida como uma abordagem complementar a Teoria das Representações Sociais. De acordo com SÁ (1996, p.52) a Teoria do Núcleo Central proporciona um refinamento conceitual, teórico e metodológico do estudo das Representações Sociais.

O primeiro estudioso a propor a teoria do Núcleo Central foi Jean Claude Abric em 1976, através de sua tese de doutorado denominada *Jeux, conflits et représentations sociales*. Nesta ocasião, Abric apresentava uma hipótese a respeito da organização interna das representações, estando convicto de que toda representação é organizada em torno de um núcleo central. (SÁ, 1996, p. 62).

3.1 O IMPORTANTE É PARTICIPAR: CONFORMISMO OU INTERAÇÃO?

Na quinta pergunta do questionário foi empregado o teste de livre evocação, que consistiu em solicitar do sujeito que escrevesse as três primeiras palavras que lhe viesse a mente ao ouvir a seguinte expressão indutora: competição. Na sexta questão foi solicitado que os professores destacassem a palavra mais importante mencionada na questão de número cinco, e em seguida que justificasse sua escolha. Todas as palavras mencionadas remetem à questão da socialização, pois direcionam a uma interação significativa. É o elemento mais

estável dentro de todas as evocações, surgindo como categoria que serve de base a todas as ações apontadas pelos professores.

“Nesses processos de percepção social aparecem portanto elementos centrais, aparentemente constitutivos do pensamento social, que lhe permitem colocar em ordem e compreender a realidade vivida pelos indivíduos e grupos” (SÁ apud ABRIC, 1994a: 20)

As palavras que apareceram com mais frequência foram *amizade* e *participação*, com duas evocações. Uma vez mencionadas, as palavras *interação*, *confraternização*, *união* e *equipe* aparecem com o sentido muito próximo da palavra *participação*. As demais palavras, evocadas apenas uma vez, podem ser visualizadas no seguinte quadro.

Professor	Palavra mais importante que vem a mente quando ouve a palavra competição
P01	aprendizado
P02	confraternização
P03	interação
P04	participação
P05	trabalho específico
P06	participação
P07	vitória
P08	competir
P09	amizade
P10	esporte
P11	inclusão
P12	amizade
P13	equipe
P14	dificuldades
P15	saudável
P16	união

Quadro 1 - Palavra mais importante que vem a mente quando ouve a palavra competição

Os professores que destacaram a palavra *amizade* como a mais importante, justificaram sua opção da seguinte maneira: “o momento da competição é um momento de

oportunidade para se aplicar valores éticos para vida em sociedade” e “Pois com a amizade dos desportistas podemos fazer um ambiente saudável e com respeito”.

Os professores que destacaram a palavra *participação* como a mais importante, justificaram sua opção da seguinte maneira: “*para que a criança tome gosto pela competição*” e “*saber participar sem que tenha que se ganhar*”. A primeira justificativa aponta para a intenção do professor em fazer com que a criança goste da competição, ou seja, busca garantir que a criança aceite o fato dos indivíduos apoderarem-se de bens e posições sociais que, geralmente, existem em quantidade inferior a dos concorrentes. A segunda justificativa remete ao provérbio popular “o importante é participar”. Este provérbio pode dar características de conformismo ao perdedor de um jogo de competição, na intenção de fazer com que o derrotado aceite com mais facilidade o seu fracasso, a sua falta de sorte, amenizando o sofrimento da derrota. Aceitar que o importante é participar, quando a sociedade de modo geral valoriza a vitória, desencadeia um processo que apenas deixa a situação camuflada, mal resolvida. Este processo se encerra no momento em que com outra oportunidade o indivíduo derrotado vence e conquista a glória e o reconhecimento por suas habilidades, ou por sua sorte. Porém, este processo de camuflagem pode se agravar com uma seqüência de derrotas, podendo gerar a falta de interesse por práticas de competição e a exclusão do indivíduo de determinadas atividades sociais, pois já por seleção natural e agora determinado pela sociedade, permanecem em cena os mais fortes, os melhores.

Sendo assim, a participação e a amizade estão acomodando os resultados negativos dos jogos no conformismo, justificando-se pela participação e levando em consideração que a amizade está acima de qualquer resultado de jogo de competição.

REFERÊNCIAS

ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 1014p.

BARBOSA, Cláudio Luis de Alvarenga. **Educação Física Escolar: as representações sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

_____. **Educação Física Escolar: da alienação a libertação**. Petrópolis: Vozes, 1997. Brasília. Secretaria da Educação Fundamental. (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF

- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Lisboa: Cotovia, 1990.
- DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Lisboa, Edições 70, LDA. 2001
- FRANCO, Maria Laura P. B. Franco. **Representações Sociais, Ideologia e Desenvolvimento da Consciência**. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121. p. 169-186, jan./abr. 2004.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2005.
- FREIRE, João Batista; SCAGLIA Alcides José. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2004.
- GOEDERT, Raquel. **A competição no campo escolar**. 2004. Dissertação - FURB, Blumenau
- GUIMARÃES, Juracy da Silva. **O esporte na cultura escolar: com a palavra o professor de Educação Física**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMG, Belo Horizonte.
- GUIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew. **Investigação por questionário**. 2 ed. Lisboa: edições silabo, 2005.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- KUNZ, Elenor. Educação Física: uma nova concepção, uma nova prática. **Mundo Jovem**, Porto Alegre, fev. 2007. Edição 343, p. 8.
- LENHARD, Rudolf. **Sociologia Geral**. São Paulo: Pioneira, 1971.
- _____. **Sociologia Educacional**. São Paulo: Pioneira, 1973.
- MADEIRA, Margot Campos. **Representações Sociais: Pressupostos e Implicações**. Brasília: Revista Brasileira de Estudos pedagógica, 1991.
- OLIVEIRA, Pérsio Santos. **Introdução à Sociologia**. 16. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- OLIVEIRA, Fátima O. de; WERBA, Graziela C. Representações Sociais. In: **Psicologia Social Contemporânea**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- OROFINO, Pamela. **As representações dos alunos do Colégio Marista de Maceió sobre o esporte e as competições esportivas**. 1999. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação Física) - UGF, Rio de Janeiro.
- SANTA CATARINA. **Proposta Curricular de Santa Catarina**. 1998
- SPINK, Mary Jane. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais**. In: GUARESCHI, P. e JOVCHELOVITCH, S. Textos em Representações Sociais. Petrópolis: Vozes, 1995.

NÓBREGA, Sheva Maia da. **Sobre a Teoria das Representações Sociais.** In: Representações Sociais: Teoria e Prática. Autor Associado

VERBENA, Eliete do C. G. **Esporte e gênero: representações entre estudantes da rede pública municipal de Juiz de Fora.** 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Física) UCB, Rio de Janeiro.